

CARTA DO ASSENTAMENTO ROSELI NUNES /MT

A luta por um território Livre! Mirassol D'Oeste, março de 2017.

O Assentamento Roseli Nunes é constituído por 331 famílias oriundas de várias regiões do estado de Mato Grosso e do país, com culturas, costumes e saberes diversos. Localiza-se a aproximadamente a 50 quilômetros da cidade de Mirassol D'Oeste, ao sudoeste do estado de Mato Grosso.

Este assentamento é fruto da luta pela terra, organizada pelo MST – Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, com parcerias do sindicato dos trabalhadores/as Rurais de Cáceres e da FASE, entre outros.

Desde o período de acampamento, as famílias vêm sofrendo repressões por lutar pelos seus direitos, que foram negados ao longo da história. Mas, mesmo assim não desistiram, sempre acreditaram e conquistaram a fazenda denominada Agropastoril Prata, que se tornou assentamento em 2002.

E mesmo conquistando a tão sonhada terra, os conflitos não pararam e muito menos as repressões, pois este assentamento é um território em disputa.

Hoje, o assentamento se encontra ameaçado de extinção pelo modelo de fazer agricultura imposto pelo agronegócio, que nos pressiona de todos os lados, que tem como base de produção a monocultura, o avanço da fronteira agrícola, o uso intensivo de agrotóxicos e o mau uso do solo. Isso vem dificultando a cada dia a permanência dessas famílias neste território.

“É um modelo que não é viável para nós, é contrário de tudo que aqui colocamos como anúncio e acreditamos: a agroecologia, educação no campo, sementes crioulas, organização social, trabalho digno”.

Apesar de todos esses impactos vivenciados, permanecemos aqui e continuamos firmes na proposta de produzir alimentos agroecológicos, livres de agrotóxicos e transgênicos, para nossa sobrevivência e ainda matar a fome de outras famílias. Mas toda essa nossa resistência e persistência em fazer uma agricultura para a vida se encontra ameaçada.

O assentamento está cercado de grandes monoculturas de cana-de-açúcar para produção de biocombustível, monocultivos de Teca para exportação de madeiras, soja transgênica em grande escala, e extensas áreas de pastagens para criação de gado de corte. E devido as pulverizações aéreas e terrestre de agrotóxicos, que são contínuas nessas áreas de monocultivos, a nossa produção agroecológica está sendo contaminada pelo vento, pela chuva, afetando diretamente nossos rios, mantendo toda forma de vida e levando a uma perda irreparável da biodiversidade.

“Daqui a pouco não vai nascer nem cana, o caminho que anda as coisas, da maneira que está, com a quantidade de agrotóxicos usada, a tendência é essa. São muitas coisas que estamos perdendo, variedades de espécies nativas, os peixes as nossas sementes”.

Com o avanço desses empreendimentos, só aumentaram os conflitos com as famílias que moram e constroem seu projeto de vida neste assentamento. Como não bastasse os impactos provocados pelo avanço do agronegócio, que nos acua cada vez mais, surge outro para nos aterrorizar, a Mineração.

“Uma pratica que não condiz com a nossa realidade, que vai degradar a nossa terra e tirar a vida do nosso povo”.

A ameaça da implantação de um projeto de Mineração dentro da área do assentamento vem nos tirando o sono, e causando transtorno para as famílias que temem pela perda do seu território.

“Essas empresas colocam na cabeça das pessoas, que esses empreendimentos são bons para o desenvolvimento da região, vem como essa propaganda do progresso, e as pessoas acreditam nisso! Assim que eles fazem, vão colocando as famílias umas contra as outras, e quem fica no meio dessa confusão, fica sem saída para lutar e se defender! Isso nos preocupa, porque esses projetos capitalistas de desenvolvimento vêm pressionando muitas famílias do assentamento a se renderem e a ficarem dependentes do pacote do agronegócio, adotando o uso de agrotóxicos nas pastagens e nas lavouras de seus lotes”.

Então, esses impactos não ficam só lá fora, são refletidos aqui dentro do nosso assentamento, e isso tem dificultado e muito as nossas iniciativas para a promoção da Agroecologia.

“Complicado falar de liberdade, se eu não consigo ser livre nem no meu território”.

Denunciamos também as ameaças que nossas lideranças vêm sofrendo, ao assumir a luta pela vida, pela agroecologia.

Anunciamos que estamos na contraposição ao projeto do agronegócio, que vem matando a vida dos camponeses, tirando a nossa cultura, costumes e saberes. Pois entendemos que o nosso território tem muito valor, conquistamos nossa terra e daqui tiramos o nosso sustento para nossas famílias.

Construímos aqui uma escola que é referência em educação do e no campo, a Escola Madre Cristina, que foi constituída pela luta do MST. Uma escola do campo que está engajada na luta em defesa do território e da luta do MST em sua formação para a libertação das pessoas.

Temos aqui uma diversidade de produção: banana, leite, milho, abobora, mandioca, batata, hortas e roçados coletivos, artesanatos, entre outros.

“A nossa saúde tinha tudo para aparecer como um anúncio, pois aqui trabalhamos com agroecologia que promove a vida, mas como o nosso território não acaba aqui e sofremos com o uso abusivo de agrotóxicos no entorno do nosso assentamento, a contaminação da nossa águas, vai além, e a gente não vive só dos produtos daqui, ainda compramos alguns produtos do mercado, industrializados, cheio de venenos”.

Destacamos aqui a valorização das mulheres agricultoras que tem autonomia para participarem de diversos espaços organizativos no assentamento. Elas possuem o orgulho de serem camponesas, de sua identidade, dos valores que foram atribuídos devido a nossa participação e atuação no movimento social.

Da mesma forma, valorizamos os processos de organização social que se deram ao longo dos anos, como as criações das associações de agricultores. A ARPA é uma delas, a Associação Regional de Produtores/as Agroecológicos possui um papel muito importante para a qualidade de vida do assentamento, pelo seu objetivo de produzir de forma agroecológica, possibilitando a produção e o consumo de alimentos saudáveis e livres de agrotóxicos e transgênicos.

Além dessa produção ser consumida aqui pelas famílias, chega até a nossa própria escola do assentamento, ou seja, alimenta nossas crianças e ainda é ofertada na alimentação escolar da cidade vizinha, Mirassol D'Oeste, através do PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar, além de abastecer mais 750 famílias de bairros carentes neste mesmo município por meio do PAA - Programa de Aquisição de Alimentos do governo federal.

Estamos em constante mobilização para garantir a permanência da nossa juventude em nosso assentamento, correndo atrás de projetos, ações no campo da produção e cultura para que possamos dar condições de fixação deles em seu território, evitando assim o êxodo dos nossos jovens para as áreas urbanas. Lutamos para que as oportunidades de geração de renda e educação saiam daqui.

Possuímos um sentimento por nosso pedaço de terra, pelo assentamento, existe uma memória que é viva em todos que aqui foram assentados.

Entendemos que construímos a nossa própria história neste processo de luta pela terra e pelo nosso território, desde a época de acampamento até os dias de hoje.

“Como todos nós entendemos que o direito do ser humano a viver com dignidade, ter moradia digna, ter trabalho, ter lazer, ter ar puro, se alimentar bem,

relacionamento com a natureza e entre si com o ser humano, porém vivemos um contexto de muitos conflitos”.

E temos consciência de que nunca teremos um território livre de agrotóxicos enquanto o agronegócio continuar a avançar sobre nossas áreas, nos pressionando e afetando nossas vidas direta e indiretamente. Pois mesmo que consigamos proibir o uso de agrotóxicos, o desmatamento continua, o trabalho escravo continua, os monocultivos continuam, a mineração continua, o agronegócio continua.

Para nós, trabalhadores/as do assentamento Roseli Nunes, o conceito de ser livre, se associa e se aproxima: da liberdade para falar, se expressar: dizer aquilo que sente, é estar fora dos agrotóxicos, fora da Mineração; liberdade de lutar, buscar alternativas e autonomia; liberdade de plantar, colher suas próprias sementes – direito de produzir; ter autonomia; ter qualidade de vida; poder brincar, fazer o que quiser; conquistar a terra; ter vez e voz; ter coragem; ter direitos; coletividade; vida digna e saudável; livrar-se das injustiças, viver sem ter medo; falar o que pensa; direito de ir e vir; dizer não ao capital. Liberdade é um processo de resistência!

Entendemos que a nossa luta é contra este modelo de desenvolvimento capitalista e que só conseguiremos sermos de fato livres quando rompermos com esse sistema. E por isso a Indignação é um sentimento coletivo.

O caminho é esse de dizer todo dia, nós não estamos errados não: dizer todo dia que não queremos esse modelo e não podemos deixar de dizer, insistir e continuar dizendo que não vamos deixar de lutar pelo nosso território, pela reforma agrária e pela agroecologia!

Assentados/as da Reforma Agrária - Assentamento Roseli Nunes, MT.